

Mudança no sistema verbal do português: as variantes do futuro do pretérito e a questão da gramaticalização

Ana Lúcia dos Prazeres Costa

Recebido 15, mai. 2006/ Aprovado 10, jul. 2006

Resumo

*Estudos recentes têm abordado a gramaticalização do verbo **ir**/movimento em verbo auxiliar. O presente artigo mostra que no português brasileiro este auxiliar não ocorre somente na expressão do futuro, mas em variação com o futuro do pretérito, e que o uso da perífrase verbal com **ir** vem se mostrando crescente. Até a primeira metade do século XX, este auxiliar concorria com outro, **haver de**, neste contexto de variação. O artigo apresenta também matizes semânticos diversos de cada um dos referidos auxiliares, o que demonstra os diferentes níveis semânticos da mesma forma lingüística em processo de gramaticalização. Os dados da análise foram obtidos através de um estudo de mudança em tempo real de longa duração (amostra de peças teatrais).*

Palavras-chave: mudança lingüística; gramaticalização; verbos auxiliares.

1- Introdução

Sabe-se que a origem das flexões de futuro do presente e do pretérito em português está na gramaticalização do verbo “haver” (cf. CÂMARA, 1979, p. 130):

amare + habeo > amar + aio > amarei

amare + habebam > amar + abeam > amar + ea > amaria

Também se sabe que tem havido variação no uso dessas formas sintéticas, ou seja, na expressão do futuro cronológico não existe somente a forma flexionada (-rei, -rá, -remos etc.), tampouco ocorrem somente as formas em -ria na expressão do futuro do pretérito (ou do *irrealis*).

Ao traçar o percurso das formas que variam com o futuro do pretérito na linha do tempo, Costa (2003) demonstra como o ciclo de mudanças recupera formas que já haviam feito parte do sistema no passado, como é o caso do auxiliar *haver* (*amaria* x *havia de amar*). Mais recentemente, o futuro do pretérito concorre com outra forma perifrástica cujo verbo auxiliar é o *ir* (*ia amar*).

A substituição do futuro flexionado pela forma perifrástica tem sido também constatada no futuro simples [*amarei* x *vou amar*], em relação ao português brasileiro, conforme atestam os trabalhos de Gryner (1997 e 2003), Santos (2000) e Malvar (2003). Esta última pesquisadora, à semelhança de Costa (2003), constata através de uma investigação diacrônica a presença do auxiliar *haver* (*hei de + infinitivo*, *há de + infinitivo* etc.) e, o uso - mais recente - da perífrase com *ir* (*vou + infinitivo*).

O presente artigo se concentrará em um aspecto discutido em Costa (2003), a saber, o fato de os auxiliares *ir* e *haver* nem sempre concorrerem com as demais variantes, ou seja, de existirem certos contextos especializados para uma ou outra forma. O objetivo deste artigo é, portanto, apresentar diversos valores de *havia de* e *ia* e relacioná-los ao fenômeno de gramaticalização.

Para tanto, será apresentada, na próxima seção, uma síntese dos resultados da pesquisa diacrônica de Costa (2003). Nas demais seções, trataremos do processo de gramaticalização de verbos auxiliares e da co-existência de camadas de significação da mesma forma no decorrer do processo.

2 - Formas que alternam com o futuro do pretérito: variação e mudança

Em trabalho que comparou a fala (entrevistas sociolinguísticas) e a escrita informal (cartas pessoais), numa análise sincrônica, Costa (1997) investigou as formas que alternam com o futuro do pretérito no português informal no Rio de Janeiro.¹

A pesquisa constatou que há alternância entre formas simples e em perífrase, a saber:

- Futuro do pretérito simples (FP): *amaria*

¹ A amostra de fala é constituída por entrevistas sociolinguísticas do projeto PEUL / UFRJ e a de escrita por cartas pessoais coletadas por Paredes Silva (1988 e 1989).

- Futuro do pretérito em perífrase (Iria+V (infinitivo): *iria amar*)
- Pretérito imperfeito simples (Imp): *amava*
- Pretérito imperfeito em perífrase (Ia+V (infinitivo)): *ia amar*

No referido trabalho, a variável “idade” revelou que Ia+V era a forma preferida dos informantes mais jovens. Como o controle desta variável é um possível indicador de mudança lingüística em tempo aparente (cf. LABOV, 1972), levantou-se a hipótese de que a perífrase com *ia* seria uma candidata a variante inovadora.

O fenômeno foi, então, posteriormente, estudado sob o ponto de vista diacrônico (COSTA, 2003) a partir de duas estratégias de investigação: mudança em tempo real de longa duração e de curta duração (cf. LABOV, 1994). Apresentaremos aqui os resultados do estudo de mudança em tempo real de longa duração, que revelou a presença de uma quinta variante – a perífrase com *havia de* – que aparece principalmente nos textos mais antigos.

Para a realização desse estudo, foi analisada uma amostra de 33 textos teatrais (de 1733 a 1997).² Usar peças teatrais como fonte de dados é uma prática comum entre os pesquisadores de variação e mudança lingüística, já que tais textos são escritos para serem falados, ou seja, seus autores geralmente buscam retratar a fala tal como se realizava na época.

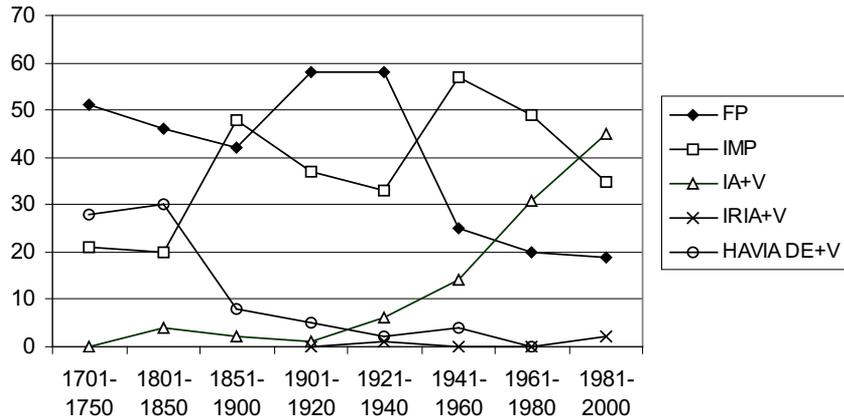
O exemplo (01) ilustra algumas variantes, inclusive a perífrase com o verbo *haver*, que à época do texto em questão, década de 50 do século XX, estava se retirando do palco de variação, conforme será visto na Fig. 1.

(01) [Personagens fazem aposta sobre resultado de jogo de futebol a se realizar no final de semana seguinte]...se eu tivesse dinheiro, sabes o que eu fazia, no domingo, queres saber? [...] apostava com duzentas mil pessoas no Vasco. Havia de esfregar a gaita assim, na cara de duzentas mil pessoas (...) Te juro que ia fazer minha independência, que ia lavar a égua! (*A falecida*, de Nelson Rodrigues, 1953)

O estudo de mudança em tempo real de longa duração permitiu verificar a trajetória das variantes do início do século XVIII ao final do século XX. Seus resultados estão sintetizados na Fig. 1, que está organizada da seguinte maneira: intervalos de 50 anos nos séculos XVIII e XIX (exceto entre 1751-1800, em que não houve dados disponíveis); intervalos de 20 anos para o século XX.

²Para mais detalhes sobre a amostra de peças teatrais, consultar Costa (2003).

Fig. 1 – Amostra de Teatro (em porcentagem)



O que mais se destaca no gráfico é a constatação de um uso decrescente de *havia de* como auxiliar, enquanto a outra perífrase – com *ia* – apresenta um uso crescente. Há também uma oscilação nas ocorrências das formas *FP* e *Imp* através da linha do tempo, sendo que, a partir dos anos 60, o *FP* dá lugar não somente ao *Imp* como à forma *Ia+V*.

Existem, portanto, dois tipos de competição: uma entre as formas em perífrase e a outra entre as formas flexionadas. A primeira é menos acirrada, porque *Ia+V* entra em cena quando *Havia de+V* está se retirando. Na outra competição, a mais acirrada, *Imp* e *FP* se alternam entre altos e baixos. O uso da perífrase com *iria*, por sua vez, se mantém bastante tímido.

Na evolução das línguas é natural que formas inicialmente de conteúdo lexical (como o verbo *ir*, de movimento) ganhem funções gramaticais (como o auxiliar *ir*). Este fenômeno, chamado de gramaticalização, tem sido alvo de interesse do funcionalismo lingüístico e será o assunto da seção a seguir.

3- Gramaticalização

Ainda que o rótulo “gramaticalização” tenha surgido em 1912 com os estudos de Meillet (cf. HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p.18), pesquisas que abordavam este processo já eram realizadas desde o século XVIII por filósofos e estudiosos da linguagem.

O interesse pelo acompanhamento deste processo em vários fenômenos lingüísticos vem ressurgindo nos últimos anos em pesquisas de cunho funcionalista (cf., por exemplo, MARTELOTTA (1998), GRYNER (1997) e BRAGA (1995)). Em linhas gerais, trata-se de um processo de mudança semântica através do qual um item de uma categoria lexical se transfere para uma categoria gramatical, ou um item já gramatical se torna ainda mais gramatical. As formas submetidas a este processo geralmente sofrem também transformações fonéticas.

Hopper & Traugott (1993) comentam a gramaticalização do verbo *to go* (ir) do inglês, em auxiliar que expressa futuridade imediata, e atestam que este auxiliar deriva historicamente do verbo de movimento *to go*. Assim, a existência dos dois tipos de verbo (lexical e gramaticalizado) na mesma construção verbal é possível em inglês (*Bill is going to go to college after all* - exemplo dos autores), o que prova que o auxiliar já atingiu níveis altos de gramaticalização naquela língua.

Como vimos nas seções anteriores, processo semelhante é encontrado nas línguas românicas, entre elas o português, em que o uso do verbo *ir* como auxiliar - em perífrase, variando com o futuro do presente ou futuro do pretérito - parece inovador e crescente.

Além disso, outro auxiliar nos chama a atenção (cf. COSTA, 2003). Vimos, nos dados de textos teatrais, que se usava a perífrase *haver de + infinitivo* até meados do século XX, época em que precisamente aumenta a frequência do uso de perífrases com o *ir* auxiliar.

Bybee, Perkins & Pagliuca (1994), em obra sobre a evolução da gramática em várias línguas do mundo, tratam, entre outros assuntos, do surgimento de formas verbais relacionado ao processo de gramaticalização. Sobre a gênese do futuro gramatical, os autores afirmam que duas fontes comuns são justamente os verbos de movimento e os verbos modais de obrigação (como *haver*), sendo os primeiros os mais frequentes (p. 253, 267). *Ir* e *vir* são os verbos de movimento que mais se gramaticalizam na expressão do futuro (p. 253).

A hipótese dos autores é de que a gramaticalização destas formas passa por um estágio em que elas expressam “intenção”, primeiramente do falante e, mais tarde, do agente do verbo principal. Isto significa que a intenção atribuída a uma outra pessoa pode ser encarada como “predição” (em vez de intenção), que seria um segundo estágio (p. 254, 270).

Além disso, entre as línguas estudadas, os autores notam que verbos de movimento que se gramaticalizam acabam adotando a forma de verbos auxiliares preferencialmente (afixos, por exemplo, são minoria) (p. 267). Também afirmam que o que torna fácil a transição de verbo lexical a verbo auxiliar de futuro é a própria semântica de “movimento até um alvo”, que parte do âmbito espacial para o âmbito temporal.

No entanto, a gramaticalização é um processo bastante lento; assim, o surgimento de uma nova forma não anula imediatamente as suas antecessoras. Pode haver, numa dada língua, a expressão variável de um mesmo sentido, para a qual concorrem formas de origens diversas e até mesmo diferentes níveis de gramaticalização de uma mesma forma. Neste segundo caso, tem-se um efeito da gramaticalização chamado de *layering* (BY-

BEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994, p. 21; HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 123-124).

Como foi apresentado na primeira seção deste artigo, Costa (2003), em estudo de perspectiva diacrônica, abordou alguns usos de *ia* e *havia de* que não eram intercambiáveis com as demais variantes de futuro do pretérito, ou seja, havia matizes semânticos diferentes nestes casos. Estes tipos de ocorrência foram evidentemente excluídos do tratamento quantitativo, porém, nos servem como observação dos níveis de gramaticalização (coexistência de camadas - *layering*) de que falam Bybee, Perkins & Pagliuca (1994). Na seção seguinte, apontaremos alguns trabalhos que comentam os diversos valores de *ir* e *haver de* em perífrases verbais e relacionaremos tais observações aos dados obtidos na investigação de Costa (2003).

4 - Valores de *ia* e *havia de*

A equivalência de perífrases formadas por *havia de* e *ia* com o futuro do pretérito é prevista em Almeida (1980, p. 210-213). Sobre **havia de + infinitivo**, o autor afirma tratar-se de uma forma “mais enfática do que a simples, donde a maior convicção e certeza que dela emana” (p. 210). Veja-se um dos exemplos fornecidos pelo autor:

Antes, se admissível fosse aí qualquer presunção, havia de ser em sentido contrário... (R. Barbosa - OM, 109 apud ALMEIDA, 1980)

Autores como Said Ali (1965) e Mattos e Silva (1993) costumam atribuir ao auxiliar *haver de* os valores de necessidade e obrigação, por isso, a forma é vista como equivalente a *ter de*, sendo aquela apontada como uma variante arcaica desta.

Sobre *haver de*, Almeida (1980, p. 142-147) acrescenta ao valor de necessidade/obrigação os de convicção, imprecisão, e até mesmo de contestação da necessidade, nos casos de contexto interrogativo:

Nem cedo nem tarde, pelo seu relógio. Mas ainda havemos de nos encontrar. (F. Sabino - EM, 196 apud ALMEIDA, 1980) (Convicção.)

Armavam lá as suas turras e os outros é que havam de aturar? (A. de Azevedo - C, 101 apud ALMEIDA, 1980) (Contestação da necessidade.)

Dias (1959, p. 196-197), também atribui o valor de modalidade a *havia de*, apresentando esta forma ao lado de verbos modais como *poder* e *dever*.

Quanto ao auxiliar *ia*, costuma-se-lhe atribuir uma semântica de intenção a realizar-se ou não-realizada:

- Eu vou comprar esta casa.
- Ja comprar, já foi vendida.(ALMEIDA, 1980, p. 215 - exemplo do autor)

Ia tomar o pan.

(MATTOS E SILVA, 1993, p. 67 – exemplo do português arcaico, extraído de *Diálogos de São Gregório*, séc. XIV)

A partir dessas considerações, buscamos uma sistematização das ocorrências excluídas de perífrases com *havia de* e *ia*, visando a uma definição dos traços sintáticos e/ou semânticos característicos de cada grupo de itens excluídos. Como dissemos, os itens excluídos são não-intercambiáveis em relação às outras variantes analisadas (sobretudo em relação ao Imp), pois apresentam um sentido especificamente modal (ou, no caso de *ia*, de iminência).

A - Iminência/intenção em futuro do passado (estruturas encaixadas)

Orações encaixadas que apresentam uma expressão cronológica de futuro em segmentos narrativos são um contexto em que dificilmente a forma de Imp é uma candidata a alternante. Isto se tornará claro na apreciação dos exemplos a seguir, que serão divididos em dois grupos:

A-1 - Orações encaixadas em discurso indireto/ estrutura com verbo *dicendi*, de cognição e outros (ver, saber, etc.):

- (02) Mas ela me disse que ia ter [o filho]! A gente aqui feito boba. (*No coração do Brasil*, de Miguel Fallabela, 1992)
(*tinha)

A-2 - Orações adjetivas:

A iminência, nestes casos, também acontece em relação a um tempo passado, o tempo da narrativa, embora a estrutura encaixada não seja a de oração objetiva, como é o caso do grupo anterior.

- (03) Era o que eu ia fazer. Mas o patrão pôs-se aqui. (*As doutoras*, de Fraca Júnior, 1887)
(*fazia)

B - Iminência em orações independentes

Note-se que tanto os exemplos do item anterior quanto os deste transmitem a noção de iminência. A diferença é que, no grupo de exemplos deste item B, as orações em que Ia+V figura não são encaixadas. Além disso, neste grupo, a iminência pode se relacionar a um futuro do tempo passado ou do presente (momento da enunciação), como veremos no exemplo (04), a seguir.

Muitas vezes a não-realização do evento iminente é apresentada por uma oração adversativa imediatamente posterior, como é o caso do exemplo (03) do item anterior. No exemplo (04), em que a ação iminente também não se realiza, pode-se dizer que há um “mas” implícito no contexto seguinte.

- (04) Dorotéa - O Carlos ia sair agora mesmo para encontrá-lo na Central [do Brasil]. [...] Estou vendo que o trem chegou adiantado... (*O hóspede do quarto número dois*, de Armando Gonzaga, 1937)

O exemplo acima apresentou uma iminência frustrada; a seguir, temos um caso de iminência a realizar-se (em relação ao tempo da narrativa):

- (05) Disse pra todo mundo ficar escondido, [por]que ele ia falar com a menina pra ver se podia ser... (*Era uma vez nos anos cinqüenta*, de Domingos Oliveira, 1980)

Nesses exemplos dos itens A e B, uma alternância com o FP seria possível, mas não com o Imp (na mesma interpretação).

C - Pergunta retórica

Nossos exemplos de “pergunta retórica” se assemelham bastante ao que Almeida (1980, p. 145) chamou de “contestação da necessidade”. O exemplo que o autor ofereceu (como vimos anteriormente) mostra este valor semântico associado ao auxiliar *haver* (“Armavam lá as suas turras e os outros é que havam de aturar?”), porém, encontramos, exemplos também com o auxiliar *ir*:

- (06) Pensavas que havíamos de chorar sempre? (*O Noviço*, de Martins Pena, 1844)
- (07) E tu acha que Marlyn Monroe ia ter problema igual ao teu? (*No Coração do Brasil*, de Miguel Fallabela, 1992)
- (08) Então eu ia dizer uma coisa dessas? (*Último carro*, de João das Neves, 1967)
- (09) Então eu ia pedir uma coisa dessas? (*Como matar um playboy*, de João Bethencourt, 1965)

Note-se, especialmente, a repetição da estrutura de pergunta retórica nos dois últimos exemplos, que, por acaso, foram coletados em autores distintos.

Na pergunta retórica, o *haver* parece ser similar ao *poder* ou *dever* (no sentido epistêmico de possibilidade/ eventualidade). No exemplo a seguir, a mais recente ocorrência do auxiliar *havia de* na amostra de textos teatrais, temos a expressão modal de possibilidade (algo como “Ora, quem mais poderia ser?”):

- (10) Marina - Ora, quem havia de ser? Aquele moleque mentiroso, aquele desclassificado,... (*Como matar um playboy*, de João Bethencourt, 1965)

Houve um caso de **devia+V** em ambiente de pergunta retórica, contexto em que a estrutura parece veicular “eventualidade”:

- (11) Hom'essa! Então eu não devia conhecer o Pão de Açúcar? (*O hóspede do quarto número dois*, Armando Gonzaga, 1937)

D – Haver com valor modal (modalidade deôntica: obrigação/ necessidade) – fora de pergunta retórica.

Haver de, em alguns contextos, apresentou valor modal similar ao de *dever* e *ter de (que)* / modalidade deôntica (obrigação/ necessidade), como nos exemplos abaixo. Note-se que tais exemplos são extraídos dos textos mais antigos. De fato, o valor deôntico de *haver de* é mais presente neste grupo de textos (datados do início do século XVIII).

- (12) Como a Justiça havia de sair direita, para não se lhe enxergar. (*Vida de Dom Quixote*, de Antonio José da Silva, 1733)
- (13) [Regras de um duelo] O desafio foi que havia ser só por só (*Esopaida*, de Antonio José da Silva, 1734)

5 - Os valores dos auxiliares: co-existência de camadas no processo de gramaticalização

Como vimos na seção 3, o conceito funcionalista de gramaticalização é definido como o processo pelo qual itens lexicais e outras construções adquirem funções gramaticais em certos contextos e continuam a desenvolver diacronicamente novas funções (HOPPER; TRAUGOTT, 1993).

Segundo Hopper & Traugott (1993, p. 123-124), no processo de gramaticalização, a persistência de formas ou significados antigos ao lado de novas formas ou significados (procedentes da mesma origem) resulta no efeito conhecido como *layering*. Isto significa que formas anteriores não são descartadas de modo abrupto, já que a gramaticalização deve ser encarada como um *continuum*. Assim, dado um recorte sincrônico de uma língua, podem ser encontradas diferentes “camadas” do processo.

Bybee, Perkins & Pagliuca (1994), sobre o efeito de *layering* em várias línguas, afirmam não ser raro encontrar, especialmente no âmbito da expressão de futuro e modalidade, um grupo de formas gramaticalizadas em competição com outro em que as formas estão em processo de gramaticalização (p. 21).

Em outro ponto de sua obra (p. 279), os autores comentam o trabalho de Dahl (1985 apud BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994), baseado em amostras de sessenta e quatro línguas, no qual se verifica que a expressão do tempo (*tense*) futuro tende a possuir formas perifrásticas e flexionadas em quantidade equilibrada.

Os mesmos autores apontam que as origens mais comuns para formas de futuro são aquelas mais claramente relacionadas a itens com noções de intenção, quais sejam: “desejo, obrigação e movimento em direção a um alvo” (p. 280).

Estaria no valor de “obrigação” a origem do *haver de* temporal/ modal (*irrealis*) que pode variar com outras formas na expressão do tempo futuro (*hei de*) e do futuro do pretérito/ *irrealis* (*havia de*)? Vimos exemplos deste valor de *havia de* (obrigação) acima, nos textos mais antigos da Amostra de Teatro (início do século XVIII).

Quanto ao verbo *ir* como auxiliar de futuro, o valor de “movimento em direção a um alvo” como sua fonte parece bastante consensual.

Martelotta (1998, p. 23) aponta que esta origem do verbo *ir* indicador de futuro pode estar relacionada com uma origem adverbial, ou seja, com uma estrutura que originalmente possui uma cláusula final:

Ele vai para falar com o professor. > Ele vai falar com o professor. > Vai chover

(Exemplo do autor)

Em Costa (2003) foi encontrado um exemplo similar ao oferecido por Martelotta (1998) sobre o verbo *ir* em cláusulas finais, ou seja, registramos uma ocorrência em uso real que ilustra esta etapa intermediária:

“*ia/ movimento*” – “*ia/ finalidade-intenção*” – “*ia/ futuro do passado*”

- (14) ...de sorte que eu ia para ver o assalto, quando me disse um soldado, que era todo uma nata, e estava de sentinela: “se quer ver, há-de pagar à porta!” (*Vida de Dom Quixote*, de Antonio José da Silva, 1733)

Abaixo, o verbo *ia* parece veicular um valor de intenção muito mais evidente do que o valor de “futuro do passado” ou de *irrealis*. Note-se que o valor de intenção aparece mesmo antes das construções com *ia*, na forma do infinitivo *ir* (*ir receber*).

- (15) Pois eu já compreendi tudo. O interesse de Carlos em ir receber o Candinho era apenas um pretexto para sair. Ele nem ia receber Candinho nenhum. O que ele ia era encontrar-se com o Ventura, que telefonou para aqui uma porção de vezes procurando-o. (*O hóspede do quarto número dois*, de Armando Gonzaga, 1937)

Em (15), na segunda ocorrência de **ia + infinitivo**, na verdade, a perífrase é desmembrada e a construção clivada coloca em foco o verbo *ia* (= intenção): “O que ele ia era encontrar-se com o Ventura...”.

A origem da estrutura *be going to* (ou do auxiliar *ir*, em português) também costuma ser relacionada a um processo metafórico segundo o qual a noção de tempo é conceptualizada a partir de outra mais concreta: espaço (HOPPER; TRAUGOTT, 1993).

Ainda segundo esta visão, que envolve questões metafóricas, significados relacionados à obrigação (como é o caso de

haver de e *dever*) ganham valores epistêmicos de probabilidade e possibilidade através de uma metáfora segundo a qual a noção de “X é obrigado a Y” se desenvolve em “a proposição X é obrigada a ser verdadeira” (BYBEE; PAGLIUCA, 1985, p. 73 apud HOPPER; TRAUGOTT, 1993).

O conceito de gramaticalização e de uma de suas características – o efeito de *layering* – são, portanto, cruciais para análise dos dados apresentados na seção anterior, visto que tais dados evidenciam a coexistência de camadas (*layering*) de função/significado de uma mesma forma gramatical.

Viu-se que, ao lado do valor deôntico (obrigação) de *haver de* (item D), há situações em que este auxiliar é empregado em contextos de pergunta retórica (valor epistêmico: eventualidade) (item C), além de variar com FP e Imp (conforme vimos no exemplo (01)).

A forma *ia* em perífrase, por sua vez, oscila entre os valores de intenção/ iminência (itens A e B), pergunta retórica (item C) e também na concorrência com as variantes FP e Imp em contexto de *irrealis*.

Logo, vimos que o valor diferencial do auxiliar *ia* parece ser o de iminência/ intenção, já que a expressão de outros valores é compartilhada com *havia de*- pergunta retórica – e Imp/ FP/ Havia de+V/ e Iria+V – *irrealis*. Por isso, não deve ser coincidência o fato de que na amostra de fala também analisada em Costa (2003) não tenha ocorrido FP em contexto sintático de discurso indireto (e apenas 16% de FP neste contexto na amostra de textos teatrais, como em “Insistiu que o encontraria em casa” (*O dote*, de Arthur Azevedo, 1907)). Ou seja, há um matiz de iminência/ intenção muito forte neste ambiente, e, apesar da concorrência das variantes, o Ia+V predomina.

6 - Conclusão

O presente trabalho se alinha a outros que apontam na direção de uma mudança no português brasileiro relativa ao uso de formas flexionadas *versus* formas em perífrase. Ademais, pretende oferecer uma contribuição sobre os sentidos que os auxiliares *ia* e *havia de* podem veicular através de um determinado recorte diacrônico de nosso idioma (século XVIII ao XX).

Como já foi dito, no que toca à expressão do futuro cronológico, também se constata o uso decrescente da perífrase com *haver de* e o comportamento do auxiliar *ir* enquanto variante inovadora.³ Percebe-se, portanto, que o conjunto das formas que variam com o futuro do pretérito e as que variam com o futuro flexionado integram um sistema cujas mudanças têm acontecido de forma parecida, pelo menos no que diz respeito às construções perifrásticas.

A história do auxiliar *havia de* nos defronta com mais de uma etapa de gramaticalização, pois é sabido que a origem do

³ Malvar (2003) chegou a tal resultado ao também realizar um estudo de mudança em tempo real de longa duração com base em amostra de textos teatrais.

futuro do pretérito (assim como a do futuro do presente) está em outra perífrase também com *haver* (*amare habebam*).

Como relata Câmara (1979, p. 132), a gramaticalização de *amare habeo* a *amarei* e *amare habebam* a *amaria* não apagou totalmente o valor modal do futuro do presente e do futuro do pretérito: mesmo flexionadas, estas formas são vistas muito mais como portadoras de um “caráter modal” do que um caráter temporal.

Isto significa que a língua, em seu ciclo funcional, após esta etapa de gramaticalização, buscou um outro modal, no caso, o próprio *haver* (*havia de amar*), que, associado à semântica de obrigação, veicula também outros valores, até mesmo variando com o futuro do pretérito.

Por outro lado, esse valor deôntico de obrigação parece sofrer a concorrência dos modais *devia* e *tinha de/que*, que, ao que tudo indica, acabam por suplantá-lo, na linha do tempo, *havia de* nesse valor.

Paralelamente, na condição de forma perifrástica variando com formas flexionadas (FP e Imp) em contexto de *irrealis*, Havia de+V concorreu com outra perífrase - Ia+V - que a suplantou.

Quanto à gramaticalização do auxiliar *ir*, por sua vez, podemos afirmar que tal forma vem perdendo propriedades lexicais (num processo de descoloramento), passando a funcionar como um verbo auxiliar (sem que isto tenha prejudicado a existência paralela do *ir* de movimento). Isto é, este verbo deixa de ser principal como item léxico (nos contextos investigados) com uma semântica indicativa de movimento, passando a indicar predição/ futuridade.

Ir segue, assim, o mesmo percurso que tem sido observado em várias línguas e que no inglês já se encontra mais consolidado, já que este idioma permite a coocorrência de *go* auxiliar e *go* principal, além de o processo já incluir perdas fonéticas, como é o caso da forma *gonna*. No português, por enquanto, construções como “eu vou ir ao cinema” ou “eu ia ir ao cinema” ainda estão sujeitas a forte sanção social.

Abstract

Recent studies have focused the grammaticalization of the verb of movement

*ir (to go) into an auxiliary verb. This paper shows that in Brazilian Portuguese this auxiliary occurs not only in the expression of the future (time) but also in variation with the conditional; it also shows that the use of the verbal periphrasis with **ir** has increased diachronically. Until the first half of the XXth century, this auxiliary co-occurred with another one, **haver de**, in this context (irrealis). This paper presents, in addition, the several semantic values for each one of the referred auxiliaries, which may signalize the different semantic levels of the same linguistic form in a grammaticalization process. This study is based on a sample organized for a real-time observation of linguistic change considering a long run of time (a sample of theater plays).*

Keywords: linguistic change; grammaticalization; auxiliary verbs.

Referências

- ALMEIDA, João de. *Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo*. São Paulo: ILHPA: HUCITEC, 1980. Tese de doutorado na UNESP.
- BRAGA, Maria Luíza. As orações de tempo no discurso oral. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, SP, v. 28, p. 85-97, jan./jun. 1995.
- BYBEE, Joan; PERKINS, Revere; PAGLIUCA, William. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- BYBEE, Joan; HOPPER, Paul. *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. (Typological studies in language, v. 45)
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- COSTA, Ana Lúcia dos Prazeres. *A variação entre formas de futuro do pretérito e de pretérito imperfeito no português informal no Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 1997.
- _____. *O futuro do pretérito e suas variantes no português do Rio de Janeiro: um estudo diacrônico*. Tese (Doutorado em Lingüística)–Faculdade de Letras, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2003.
- DIAS, Augusto Epiphanyo da Silva. *Syntaxe Histórica Portuguesa*. 4. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1959.

GRYNER, Helena. *A história do futuro nas histórias em quadrinhos: o tempo em ação*. Trabalho constante do projeto “Variação e mudança no sistema verbal das condicionais: marcação e iconicidade”, projeto de pesquisa, PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), UFRJ/Faculdade de Letras, abr. 2003. Mimeo. Bolsista de iniciação científica atuante no trabalho: Liliâne dos Santos Spinelli.

_____. *De volta às origens do futuro: condicionais possíveis e a perífrase ir + infinitivo*. Resumo referente à comunicação homônima realizada no Congresso do GEL, 1997. Mimeo.

HOPPER; TRAUGOTT, E. G. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *Principles of linguistic change*. v. 1: Internal factors. Oxford: Blackwell, 1994.

MALVAR, Elisabete. *O presente do futuro no português oral do Brasil*. Universidade de Ottawa/ CNPq. Resumo da tese de doutorado orientada pela profa. Shana Poplack. Roteiro distribuído em comunicação durante o congresso internacional da ABRALIN, realizado na Faculdade de Letras da UFRJ, Rio de Janeiro, mar. 2003.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Gramaticalização e vinculação entre cláusulas adverbiais*. Relatório do projeto integrado “Gramaticalização e vinculação entre cláusulas adverbiais - Grupo Discurso & Gramática”, Faculdade de Letras da UFRJ Rio de Janeiro, 1998. Impresso.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 1993.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. *Aspectos sintáticos e discursivos da correspondência de escritores brasileiros contemporâneos*. Relatório parcial do Projeto Relativo ao Ano de 1989. Departamento de Lingüística e Filologia, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1989. Mimeo.

_____. *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. Tese (Doutorado em Lingüística)- Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

SAID ALL, Manoel. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

SANTOS, Josete Rocha dos. *A variação entre as formas de futuro do presente no português formal e informal falado no Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.